

# Um bate-papo com os tricampeões de 1970

Phelipe Caldas Pontes Carvalho 

Universidade Federal de São Carlos | São Carlos, SP, Brasil

[pontescarvalho@gmail.com](mailto:pontescarvalho@gmail.com)

**DOI** 10.11606/issn.2316-9133.v33i1pe207057



HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de; ALFONSI, Daniela do amaral (orgs). 2020. Visões da Copa de 1970: entrevistas de história oral com jogadores da Seleção. São Carlos: EdUFSCar.

A Copa do Mundo de 1970 é, sem sombra de dúvidas, a mais emblemática dentre todas para o imaginário da população brasileira. E sua relevância está presente tanto no discurso dos defensores como no dos críticos do papel desempenhado pelo futebol ao longo da história nacional.

Sob uma perspectiva, está se falando da Seleção mais encantadora que já disputou uma Copa. A mais mágica, a mais cheia de craques, a mais surpreendente, a autora do gol coletivo mais fantástico das copas. Aquela que melhor apresentou o Brasil aos olhos do mundo. Sob outra perspectiva, foi uma Copa vencida pelo Brasil num momento em que o



e207057

<https://doi.org/10.11606/issn.2316-9133.v33i1pe207057>

país enfrentava a fase mais truculenta e sangrenta da Ditadura Militar. Tempos de AI-5 e Governo Médici. Do repulsivo slogan “Brasil: ame-o ou deixe-o”.

Enfim, é um tema complexo. Interminável, até. Capaz de incendiar qualquer roda de debates que se pretenda discutir a questão. Agora, o que precisa ser sempre lembrado – e isso nem sempre é feito – é que não se trata de dois polos antagônicos, duas realidades díspares, duas questões isoladas uma da outra. Em que pese os discursos acalorados para lá e para cá, tais perspectivas são, a rigor, indissociáveis. Precisam ser vistas como um conjunto, como fruto de um mesmo contexto, como partes de um mesmo processo.

E é esse, talvez, o principal mérito de “Visões da Copa de 1970: entrevistas de história oral com jogadores da Seleção”, organizado por Hollanda e Alfonsi (2020)<sup>1</sup>. Primeiro porque “o percurso biográfico do atleta” é apresentado quase que no mesmo nível de importância da própria vivência desses no Mundial. Depois porque, já na apresentação da obra, essa indissociabilidade temática é enfatizada.

A saber, o livro foi publicado em 2020 como parte das comemorações do cinquentenário do tricampeonato mundial da Seleção Brasileira e reúne as lembranças orais dos próprios protagonistas. Ou, ao menos, alguns deles. Nove, para ser exato<sup>2</sup>.

Na verdade, trata-se de um recorte de um projeto bem maior realizado nos anos que antecederam a Copa do Mundo de 2014. Naquele tempo, o Museu do Futebol e a Fundação Getúlio Vargas realizaram 50 entrevistas com jogadores brasileiros que participaram de algumas das Copas entre 1954 e 1982, cujo acervo compõe hoje o Centro de Referência do Futebol Brasil, localizado no Museu do Futebol.

O livro, portanto, separou, dentre todas aquelas entrevistas, as nove realizadas com jogadores da seleção de 1970 que entraram em campo ao menos uma vez ao longo daquela competição. E traz um elemento lúdico adicional ao apresentar cada uma das entrevistas na ordem em que os jogadores seriam anunciados caso se tratasse da escalação do time para uma partida qualquer. Ou seja, começa pelo goleiro e vai até o centroavante.

Ademais, ainda que os organizadores deixem claro que o livro não se propõe ser “uma obra com intenções teóricas ou análises aprofundadas” (p. 16), ele consegue avançar em questões importantes sobre o debate que cerca não só a Copa de 1970, mas o próprio futebol brasileiro nas décadas de 1960 e 1970.

É um livro, pois, que reúne um material “etnográfico” que tem potencial para subsidiar novas pesquisas. Dialogar com antropólogos (como, por exemplo, José Paulo Florenzano) e historiadores (como Denaldo Alchorne de Souza) que trabalham com a interface entre esporte e política. Afinal, é um tema que não está completamente esgotado. E as entrevistas hão de apresentar novas perspectivas sobre o assunto.

---

<sup>1</sup> A rigor, ambos são bem mais do que apenas organizadores, já que em mais da metade das entrevistas que compõem o livro ao menos um dos dois participaram do encontro na condição de entrevistadores.

<sup>2</sup> São eles: Félix, Carlos Alberto Torres, Marco Antônio, Gérson, Piazza, Edu, Roberto Rivellino, Roberto Miranda e Tostão. As entrevistas foram todas realizadas entre 2011 e 2012.

Já adianto algumas questões. Ao término do livro, o leitor verá mitos e lendas serem derrubados, verdades serem escancaradas. Ao mesmo tempo, perceberá que nada é tão simples, nenhuma “verdade” anula outras “verdades”.

Para exemplificar o que pretendo dizer, vamos à questão mais perturbadora de todas. Sim, não restará mais dúvidas ao término da leitura dos relatos que o sanguinário Governo Médici tentou – e conseguiu – se apossar da parte estrutural da Seleção Brasileira. O chefe da delegação era um brigadeiro<sup>3</sup>, a preparação no Brasil foi realizada num quartel do Exército, boa parte da comissão técnica era formada por militares, o presidente telefonava diariamente para a concentração e não raro conversava diretamente com os jogadores.

Ao mesmo tempo, é o lateral-direito e capitão Carlos Alberto Torres quem daria pistas de que nenhum movimento está livre de resistências, de ressignificações, ao falar de amigos engajados politicamente que também comemoraram o tricampeonato mundial.

Ambos os lados em disputa, pois, tiveram suas próprias leituras simbólicas de um mesmo episódio esportivo. E imaginar que toda a intervenção militar na Seleção seria capaz de modificar a relação do povo brasileiro com o futebol, de modificar suas crenças e posições políticas, de simplesmente alienar todos da realidade que estava posta, é uma visão maniqueísta demais. Culpar simplesmente o futebol e a Copa, enfim, é absolver muito facilmente os colaboracionistas, é desrespeitar de forma vil os militantes-torcedores.

Mas, para além disso, tem a demissão de João Saldanha da Seleção a poucos meses da estreia do Brasil no México. João era declaradamente comunista, peitou Médici em questões desportivas, caiu. Durante décadas, a resposta tornou-se fácil: “Saldanha era o homem certo para aquela conquista, só caiu por causa da interferência política, mas montou todo o time que seria campeão e Zagallo não fez mais do que manter o que já estava pronto”.

Aqui, entretanto, as conclusões já não são tão simples. Afinal, são muitos os relatos apresentados no livro que de fato indicam categoricamente que Saldanha foi mesmo demitido a mando de Médici. Ao mesmo tempo, e é esta a grande mudança de perspectiva que o livro apresenta, muitos dos relatos também fazem sugerir que João Saldanha correria riscos reais de ser demitido mesmo se o governo fosse civil e não pretendesse se intrometer no selecionado nacional.

João Saldanha há tempos já não parecia ser uma unanimidade entre os jogadores (mudou muito a escalação do time que jogou as eliminatórias para aquela que viajaria para a Copa) e vários deles relatam que ele vinha ameaçando sacar Pelé do time titular sob o argumento insustentável de que o jogador estaria cego. O lateral-esquerdo Marco Antônio, por exemplo, dá um depoimento dos mais honestos. Titular com Saldanha, reserva com Zagallo, admite que o time do segundo era melhor montado. Inclusive com a sua saída da

---

<sup>3</sup> Brigadeiro Jerônimo Bastos, que tentava impor uma rotina mais militaresca ao cotidiano dos jogadores, segundo eles próprios.

equipe, reconhecendo ser um jogador mais de frente num momento em que a deficiência estava no setor defensivo. Função essa que, ele mesmo ratifica, Everaldo, seu substituto, desempenhava melhor.

Aliás, um breve parênteses. A entrevista de Marco Antônio é um dos pontos altos do livro. Porque é aquela que mais expande horizontes para além da questão central da obra. Outros também tratam do tema, mas é ele, por exemplo, quem escancara de forma mais ilustrativa a questão do preconceito no futebol brasileiro.

Marco Antônio é negro e jogou oito anos no Fluminense. Diz ter sofrido muito racismo nas Laranjeiras: “Tinha aquele negócio de branco e preto” (p. 65). Além disso, existiria um preconceito generalizado contra jogadores de futebol: “Jogador do Flu não entrava pela porta da frente, entrava pelo fundo. Eu e Félix, tricampeões do mundo, entrávamos pelos fundos” (p. 65).

Noutro ponto, num momento bem mais descontraído, Marco Antônio fará uma revelação às novas gerações como se fosse a informação mais elementar do futebol brasileiro. Ele comenta que Pelé, em que pese toda a sua história pelo Santos, não é santista, mas vascaíno. E arremata: “todo mundo sabe”. Sinceramente, não sei se a informação é tão de domínio público assim. Por curiosidade, consultei vascaínos e santistas de várias idades e me diverti bastante com as diferentes reações. Mas, no fim de tudo, são passagens como essa que tornam a leitura do livro bastante saborosa.

De toda forma, voltando ao que estava sendo analisado aqui, chega-se ao time de Zagallo. Ora, definitivamente, ele não se resumiu a repetir o que vinha sendo feito pelo seu antecessor. É o ponta-esquerda Edu quem lembra em sua entrevista que ao menos cinco titulares da equipe de Saldanha perderam espaço no time de Zagallo e que três desses nem mesmo foram à Copa. Curioso é que Edu fala isso com raiva (confessa inclusive que se nega a pronunciar o nome “Zagallo”), principalmente porque foi ele um dos que perderam espaço na equipe, mas não deixa de ser uma fala que embaralha um pouco as “certezas” de outrora. Félix, Brito, Everaldo, Clodoaldo e Rivelino não tinham espaço com Saldanha e foram titulares com Zagallo. É quase meio time, afinal.

Inclusive, do ponto de vista esportivo, um outro mito construído ao longo das décadas pode ser derrubado com a leitura dos relatos reunidos no livro. Trata-se daquela visão romântica de pensar a Seleção de 1970 como sendo uma reunião de gênios, inventores do futebol-arte, que foram campeões só, e somente só, por causa de seus talentos. Eu mesmo, que não vi aquele time jogar, cresci escutando dos mais velhos: “Não precisava nem de treinador. Era só colocar em campo e deixar jogar”.

Pois o livro apresenta uma visão completamente diferente. E, óbvio, não nega a genialidade de muitos dos jogadores. Ao mesmo tempo, espraia um trabalho muito mais árduo. De preparação física, de aclimatação, de meticulosidade, de estudos também. Intermináveis e exaustivos.

Praticamente todos os jogadores fazem menção a um conjunto de slides de Carlos Alberto Parreira, à época um dos preparadores físicos da Seleção. Sua missão era ir aos jogos dos adversários, tirar fotos de todos os lances, e depois apresentá-las em slides para o time. Era assim que o Brasil, numa época em que o videoteipe ainda era item raro, caro, entrava em campo quase sempre já sabendo o que encontraria pela frente.

É outro momento de leitura empolgante. Carlos Alberto Torres narra os bastidores de seu gol na final contra a Itália. É justo aquele já citado aqui como o gol coletivo mais bonito da história das Copas. São 30 segundos de magia, 28 toques na bola realizados por nove jogadores diferentes, que culminam com uma verdadeira obra-prima. Ninguém nega que é genial, diga-se. Ao mesmo tempo, a curiosidade sobre aquele lance, deixada de lado pelo imaginário coletivo, talvez por tornar a realidade menos encantada, menos sagrada, é que todo ele fora previsto na véspera.

Os slides, milimetricamente analisados pela comissão técnica, mostravam que a Itália deixava um buraco no lado esquerdo de seu setor defensivo sempre que ia ao ataque. De forma que, se a bola fosse roubada no ataque, abriria a possibilidade do avanço de Torres justamente por aquele espaço aberto. Foi o que aconteceu. O capitão já sabia que a bola seria lançada para ele, já sabia como seria, por onde seria. É ele quem arremata: “Foi tudo programado, nada de improvisação [...]. Alguns detalhes importantes na campanha foram todos programados” (p. 55).

Por fim, para além das questões macros que o livro se propõe, outros temas coadjuvantes não deixam de ser extremamente interessantes. E relevantes como fonte primária de pesquisa.

Como, por exemplo, as brigas internas que existiam entre alguns tricampeões. Ou a imagem de vagabundo que existia em torno dos jogadores de futebol, a ponto de muitos precisarem enfrentar as próprias famílias pelo sonho de ser jogador de futebol. Ou como personagens como João Havelange e J. Hawilla, que décadas depois seriam envolvidos em graves escândalos de corrupção, já interferiam naquela época em questões importantes do futebol. Ou ainda como a várzea, tão maltratada atualmente, já foi importante celeiro de atletas. Ou mesmo como jogadores como Gerson e Pelé, tão habilidosos, já chegaram ao ponto de quebrar propositalmente a perna de rivais. O relato do próprio Gerson, a propósito, é forte e comovente.

Enfim, o livro organizado por Hollanda e Alfonsi atende bem ao que se propõe. E ainda oferece alguns causos que são um verdadeiro convite à leitura para quem gosta de futebol. Como aperitivo final? Tostão! Ídolo do Cruzeiro. Tricampeão mundial, aos 23 anos, jogando como titular. Três anos depois, um grave problema no olho retorna e ele é obrigado a se aposentar precocemente. Resolve fazer vestibular e passa no curso de medicina. Vai estudar para ser médico. Pois tudo isso Tostão conta e está no livro. O que ele não conta, mas eu fiquei imaginado enquanto lia, abobado, era ele chegando ao

primeiro dia de aula na UFMG. Entra na sala e, de repente, a turma, repleta de torcedores, vai à loucura. É quase como os gritos de um gol de placa, penso.

### **Referências Bibliográficas**

HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de; ALFONSI, Daniela do amaral (Orgs). 2020. *Visões da Copa de 1970: entrevistas de história oral com jogadores da Seleção*. São Carlos: EdUFSCar.

### **sobre o resenhista**

#### **Phelipe Caldas Pontes Carvalho**

Doutor em Antropologia pela Universidade de Federal de São Carlos (UFSCar). Mestre em Antropologia pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Pesquisador junto ao Laboratório de Estudos das Práticas Lúdicas e de Sociabilidade (LELuS/UFSCar) e ao Grupo de Estudos e Pesquisas em Etnografias Urbanas (Guetu/UFPB). É membro-fundador da Rede Nordestina de Estudos em Mídia e Esporte (ReNEme). Autor de seis livros.

**Autoria:** O autor foi responsável pela coleta de dados, sistematização e síntese dos argumentos apresentados ao longo do texto, bem como por sua escrita.

**Financiamento:** Este estudo não teve financiamento.

Recebido em 10/11/2023.

Aprovado para publicação em 10/05/2024.